

Padrões de oralidade presentes na explicação de textos na sala de aula¹

Maria Auxiliadora Bezerra

Univ. Estadual da Paraíba, Univ. Federal de Alagoas

ABSTRACT: The spoken and written language is seen as a continuum, in whose poles we find texts that are typical of each of these modalities, including a gradual range of formalism. Thus, it seems not to be the modalities of language but the types of texts and their situations that determine this. Therefore, the presence of informal traits in a formal discourse may cause strangeness. This article aims at showing how the characteristics of the informal spoken language permeate the discourse of the Portuguese language teacher in the communicative event of explaining formal texts. These characteristics, although apparently suggesting proximity between teacher and student, can also suggest that the teacher does not have a good command of the standard language and, consequently, produces another difficulty for the teaching of standard written texts.

RESUMO: A língua falada e a escrita são consideradas como um continuum, em cujas extremidades encontramos os textos típicos de cada uma dessas modalidades, incluindo uma escala gradativa de formalismo. Assim, parece não serem as modalidades de língua, mas os tipos de textos e suas situações que determinam esse formalismo gradativo; daí a presença de traços informais em um discurso formal poder causar estranhamento. Este artigo objetiva mostrar como características da oralidade informal permeiam o discurso do professor de português no evento comunicativo de explicação de textos formais. Essas características, embora possam significar uma proximidade entre professor e aluno,

¹ Este texto está baseado numa palestra apresentada no “Seminário sobre ensino de língua materna e estrangeira”, na UFPB, em Campina Grande, Paraíba, em maio de 1997.

PADRÕES DE ORALIDADE

podem também sinalizar uma falta de domínio da norma culta por parte do professor e, conseqüentemente, mais uma dificuldade para o ensino do texto escrito padrão.

KEY WORDS: Informal spoken language, explaining formal texts, standard written texts.

PALAVRAS-CHAVE: Padrões de oralidade, explicação de textos, escrita formal

INTRODUÇÃO

As pesquisas sobre ensino de línguas têm-se voltado, a partir da década de 80, para o estudo do processo ensino/aprendizagem em si mesmo, ou seja, para a análise do cotidiano da sala de aula (diferentemente de pesquisas anteriores, que se preocupavam com o produto). Nesse sentido, a Linguística Aplicada, área em que se concentram essas pesquisas, amplia seus interesses, contemplando como objetos de estudo a língua e suas variações, seus registros, a interação professor/aluno, o discurso e seus interlocutores, as relações entre modalidades da língua e seu estudo escolar, entre outros.

No que concerne as relações entre modalidades da língua e seu estudo escolar, observamos que os alunos de 1º grau maior, embora falantes de português, apresentam dificuldades na compreensão de textos, principalmente formais, que circulam em nossas escolas (não estamos falando dos textos produzidos para os livros didáticos). Por outro lado, essas dificuldades parecem desaparecer, quando o professor comenta esses textos num registro informal.

Essas observações nos levaram a investigar a presença de padrões de oralidade na explicação de textos nas aulas de português de 1º grau maior, com o objetivo de mostrar como esses padrões de oralidade permeiam o discurso do professor de português, nesse evento comunicativo.

Os dados analisados provêm de gravações em áudio e observações de aulas de português de 7ª série do 1º grau, de três escolas de Campina Grande (Paraíba): uma escola estadual (situada na periferia da cidade), sem pré-determinação de metodologia de ensino de língua portuguesa a ser seguida (escola A); uma escola particular (situada no centro), que se

MARIA AUXILIADORA BEZERRA

pauta na metodologia tradicional de ensino dessa língua (escola B); e outra também particular (igualmente no centro da cidade), que segundo sua direção tenta seguir os princípios construtivistas de ensino (escola C).

As professoras são graduadas em Letras, tendo a da escola A Curso de Especialização em Língua Portuguesa.

Os dados, gravados durante um período de dois meses, foram transcritos segundo orientações da Análise da Conversação.

O artigo está organizado em três partes, além desta introdução, abordando no item 2 a concepção de padrões de oralidade e sua presença no momento de explicações de textos, que é considerado como um evento comunicativo de sala de aula e se dá através da modalidade oral da língua, no item 3, análise de dados coletados, e no item 4, reflexões sobre os resultados apontados.

2. PADRÕES DE ORALIDADE E EVENTOS COMUNICATIVOS

Falar de padrões de oralidade presentes na explicação de textos, de um lado, requer o esclarecimento do que sejam “padrões de oralidade” e, de outro, supõe a existência de uma gradação nessa oralidade, visto que a explicação de textos em sala de aula se dá na modalidade oral da língua.

Considerando estudos realizados sobre a língua falada e a língua escrita, observamos que essas modalidades são descritas de pontos de vista variados: como discursos não-planejado X planejado (Ochs, 1979), como discurso fragmentado x integrado (Chafe, 1982, 1985), como discurso contextualizado x descontextualizado (Tannen, 1982) e outros. Mais recentemente, tendo em vista a dificuldade de distingui-las de maneira objetiva, a língua falada e a escrita são consideradas como um continuum (Tannen, 1982; Biber, 1988; Marcuschi, 1994, entre outros), em cujos extremos encontramos os textos típicos de cada uma dessas modalidades (o familiar – na oralidade – e o superformal – na escrita), incluindo uma escala gradativa de formalismo, com características ora próprias de cada modalidade (hesitações, correções, pausas, marcadores conversacionais – na língua falada coloquial; frases completas e complexas – na língua escrita formal), ora comuns às duas (grande número de vocábulos da língua).

PADRÕES DE ORALIDADE

Nesse sentido, parece não serem as modalidades da língua, mas os tipos de textos e suas situações (palestra, conversa, artigo de opinião, diálogo ao telefone) que determinam esse formalismo gradativo.

Partindo dessas informações, podemos dizer que “padrões de oralidade” correspondem às características lingüísticas, estruturais e situacionais de um determinado tipo de texto oral. Essas características podem causar estranhamento na medida em que se apresentam em outro tipo de texto.

A língua, em sua modalidade oral (e escrita também), apresenta uma variedade de usos, que ocorrem dependendo dos interlocutores, da situação ou da mensagem a ser transmitida. Essas variedades, chamadas por alguns de registros, detêm graus variados de formalismo que, segundo Travaglia (1996: 54ss), baseado em Bowen (1972), vão do texto *oratório* (texto elaborado, usado em situação muito formal, principalmente por especialistas do tipo advogados e políticos) até o íntimo ou *familiar* (texto pessoal, privado, com presença marcante da linguagem afetiva). Entre um extremo e outro, há o *deliberativo* (texto previamente preparado, destinado a público médio ou grande, do qual o locutor se distancia e, lingüisticamente, caracterizado por frases curtas, vocabulário variado para evitar repetição lexical desnecessária); o *coloquial* (diálogo cotidiano entre os interlocutores, sem preparação prévia, caracterizado por repetições, frases curtas, hesitações, vocabulário usual); e o *coloquial distenso* ou casual (texto que retrata a integração total entre os interlocutores, caracterizado por omissões de vocábulos, por descuido na pronúncia, por uso da gíria, de dêiticos em abundância, por grande dependência da situação comunicativa).

Além da gradação na formalidade, os textos orais também são estruturados conforme as informações que o locutor tem sobre seu interlocutor. Segundo Halliday, McIntosh e Stevens (1974), essas informações são o status desse interlocutor; o conhecimento sobre o assunto a ser abordado que o falante supõe ter o ouvinte; a deferência do falante em relação ao interlocutor (as estratégias de polidez, conforme Brown e Levinson, 1987) e a norma lingüística a ser usada que o locutor pressupõe ser a esperada pelo interlocutor.

No entanto não podemos esquecer que, do ponto de vista do locutor, seus textos orais vão receber influências também do maior ou menor grau de letramento que detém. Ou seja, quanto mais convivência com a escrita e a leitura tem o falante, mais sua fala procura simular a escrita

MARIA AUXILIADORA BEZERRA

(Kato, 1987), num processo inverso ao que acontece quando ele se inicia no mundo dessa escrita: num primeiro momento, a fala influencia a escrita e, num segundo momento (quando o grau de letramento aumenta), a escrita passa a influenciar a fala.

Scribner e Cole (1981) e Scollon e Scollon (1979), citados por Olson (1995), estudando grupos sociais diferentes, chegaram a resultados semelhantes sobre usos de leitura, escrita e oralidade: as habilidades de leitura e escrita são ora transpostas para atividades orais (Scribner e Cole, op. cit.), ora comunicadas oralmente: “professores voltados ao ensino de crianças falam de uma maneira ... que é instrumento para desenvolver uma orientação culta” (Scollon e Scollon, op. cit., p. 1, *apud* Olson, op. cit., p. 274-275).

Isto não significa dizer que pessoas letradas em relação às iletradas apresentam maior capacidade de raciocínio, abstração ou argumentação lógica. O que há é variação entre atividades e formas de competência, ou seja, o indivíduo letrado, diferentemente do iletrado, põe em prática, com mais facilidade, habilidades da escrita na oralidade, conseguem mais conhecimento sobre a língua e seus usos.

Relacionando essas informações sobre a língua falada e escrita e variação na língua falada às práticas de sala de aula, observamos que o uso da modalidade oral da língua se modifica de acordo com os eventos de fala aí encontrados.

Com base na etnografia da comunicação, consideramos um evento comunicativo como uma unidade com começo, meio e fim, caracterizada pela obediência a regras presentes no uso da fala (Hymes, 1974).

Em uma sala de aula, é possível identificar-se tipos recorrentes de eventos de fala (Bortoni, 1995: 124-126, apoiando-se em Philips, 1972):

- (a) *um primeiro tipo*, em geral, curto e muito dependente da situação, relativo a brincadeiras, repreensões, explicações curtas, provocando quase sempre uma resposta do ouvinte

Exemplo: P – quem estiver sem livro saia da sala (saiu metade da turma) vocês vão agora desamontoar e entrar na fila... como a gente sabe que... e mais não é igual a nem... vamos colocar nem (professor utiliza o quadro negro) corriji o exercício... vocês irão responder essas questões 1 e 2 do livro (término da aula);

PADRÕES DE ORALIDADE

- b) *um segundo tipo*, longo, que permanece por quase toda a aula e que se refere a explicações de conteúdos específicos das disciplinas em estudo, ou seja, a interação se dá em torno do conteúdo que o professor quer transmitir e não da situação imediata de sala de aula

Exemplo: A discussão de um texto lido;

- c) *um terceiro tipo*, caracterizado por uma oralidade secundária, visto que o aluno ou o professor lê um texto escrito, dita ou fala com base na escrita, ou fala e escreve ao mesmo tempo e o professor recorre a correções baseadas no texto que está sendo lido

Exemplo: P – comecem a ler o texto (um aluno inicia a leitura em voz alta)...ma... qual o assunto principal do texto (professora pergunta a outro aluno)

A – drogas

P – Charles... mas que assunto especificamente? ; e

- d) *um quarto tipo*, caracterizado por uma estrutura tripartite (Sinclair e Coulthard, 1975), composta de um turno de iniciação pelo professor (em geral uma pergunta), seguido de uma resposta pelo aluno e da avaliação ou correção pelo professor (evento chamado IRA: iniciação, resposta, avaliação)

Exemplo: P – o que é autobiografia?

A – é a história da minha vida

P – a minha autobiografia... se eu for fazer minha autobiografia... eu vou contar minha própria...

Se o evento 2, que se refere a exposições instrucionais longas, se distancia do contexto imediato de fala, pois se envolve mais com o conteúdo a ser transmitido, ele requer um planejamento lingüístico maior. Aproxima-se do texto deliberativo (de que falamos acima), embora não prime pelo distanciamento entre falante e ouvinte, numa aula, os alunos são sempre mais próximos do professor. Nesse sentido, o discurso do professor é mais tenso, porque mais formal, baseado nos usos da norma culta.

Aqui é importante salientar o papel da escrita, pois o registro dos conhecimentos produzidos pelos seres humanos se dá nessa modalidade

MARIA AUXILIADORA BEZERRA

de língua e num grau elevado de formalismo, o qual representa a abstração (no sentido de descontextualização – Denny, 1995) a que uma sociedade chega, motivada pelo domínio da escrita.

Assim vemos o entrelaçamento entre registro/transmissão de conhecimentos e escrita formal, que, relacionado à sala de aula, deve provavelmente influenciar o discurso do professor, resultando numa fala permeada pela escrita.

3. EXPLICAÇÃO DE TEXTOS NA SALA DE AULA

Como descrito acima, a explicação (comentário, discussão) de um texto em sala de aula constitui um evento comunicativo referente a exposições instrucionais longas.

Nas aulas de português, o texto serve como uma espécie de guia. Por influência da lingüística do sistema, ele chegou às aulas de português como uma forma de estudar-se essa língua em seus aspectos gramaticais, semânticos e estilísticos, só posteriormente, com a lingüística do discurso, o estudo do texto passa a ser visto como uma forma de estudar-se o próprio texto: tipologia, estrutura, compreensão, produção, aspectos lingüísticos, pragmáticos.

Mas o que predomina em nossos dados é o ensino/estudo do português centrado na gramática normativa, especificamente, classificação morfológica e sintática, não contribuindo para a ampliação de conhecimentos dessa língua por parte dos alunos: a variação lingüística, seu uso adequado a situações diversas, domínio da norma culta, familiaridade com a leitura e a escrita, tão exigidas numa sociedade letrada.

Nesse contexto, observamos que o professor de português parece também não mais ter convivência com a leitura e a escrita, principalmente, de textos longos e, com isso, suas experiências pessoais, cotidianas (e as dos alunos) constituem o suporte para a explicação de textos. Vejamos o exemplo 1.

Exemplo 1

P – então madame de acordo com o seu analista...o que é analista? o que é analista de madame ...quem será esse analista? será o quê? que faz?

A – analisa (professora não escutou a resposta do aluno)

PADRÕES DE ORALIDADE

P – se chama analista com? é o médico o psicanalista que as pessoas... principalmente quem tem dinheiro...que fazer análise custa caro...né... não não é pra mim...nem que eu quisesse eu não poderia porque uma seção de uma é:: cada seção custa muito caro...mas como é madame né aí tá falando uma pessoa o que? ela pertence a que classe social? (escola A)

No exemplo 1, P tenta explicar o sentido do item lexical “analista” no texto em estudo, com várias questões que, de início, se referem a esse item (“o que é analista? o que é analista?”) e em seguida remetem ao referente humano – analista (“quem será esse analista? será o quê? que faz?”). E sua explicação, num nível coloquial, envolve constatações pessoais (“não não é pra mim... nem que eu quisesse eu não poderia...”) e personagem do texto (“cada seção custa muito caro...mas como é madame né aí tá falando de uma pessoa o que? ela pertence a que classe social”), resultando num imbróglio entre mundo real e mundo ficcional. Isso nos leva a questionar se se trata do estudo de um texto escrito ou se se trata de uma narrativa pessoal, transmitida por meio da oralidade.

Se o assunto do texto faz parte do conhecimento enciclopédico do professor, os comentários giram em torno desse conhecimento, num nível mais formal de língua, com frases mais longas, sem hesitações, embora com marcadores da conversação, como sinais de interação. É o que ilustra o exemplo 2.

Exemplo 2

P – então sublinhe aí que é pra vocês pesquisarem certo? é uma doença num é? ma-lei-ta (alunos confundem maleita com maleta) é:: eu não sei se quando ele fez essa música já existia a cólera né? porque a:: porque a epidemia de cólera aconteceu há cem anos atrás e agora voltou num é? e as pessoas estão morrendo de cólera novamente a mesma coisa da maleita né? só que a cólera foi combatida desapareceu foi erradicado o vírus como é que se chama ... foi erradicado e desapareceu a doença e cem anos depois voltou e as pessoas começaram a morrer novamente de cólera...a maleita nunca foi erradicada em nosso país e as pessoas... é uma doença que vem de muito tempo e as pessoas continuam morrendo de maleita... ele diz que é o atraso da medicina no nosso país... (escola A)

MARIA AUXILIADORA BEZERRA

A explicação de textos parece não ser um procedimento que auxilie o ensino de português culto, restringindo-se mais à compreensão do assunto pelo aluno, encaminhada através de um linguagem distensa, descontraída, fugindo a esse português culto.

Exemplo 3

P – comecem a ler o texto (um aluno inicia a leitura em voz alta) M... qual o assunto principal do texto (professora pergunta a outro aluno)

A – drogas

P – C... mas que assunto especificamente?(barulho, a professora repreende os alunos) os textos que eu trouxer a partir de agora vão valer nota...

A – o que é *a t*?

P – as iniciais do nome do menor... já que ele é de menor não pode aparecer

A – o que é crime violento com motivação puramente material?

P – localize no texto esta passagem e responda (alunos ficam com dúvidas/ professora responde a questão, diz que os alunos devem pensar um pouco) esse menino do texto ele fez um furto ou um roubo?

A – furto

A – roubo

P – eu coloquei... três questões que aparentemente são simples...mas era necessário uma discussão...na próxima aula eu vou querer elas respondidas (escola B)

Nesse exemplo 3, vemos passagens com usos de português inadequados a um evento de fala semiformal, como é o caso de uma aula: a concordância verbal (“era necessário uma discussão...”), pronome sujeito na posição de objeto (“eu vou querer elas respondidas”), uma estrutura de frase topicalizada (“esse menino do texto ele fez um furto ou um roubo?”).

Quando o texto é utilizado para o estudo da norma culta escrita, a professora não explicita esse tipo de estudo de forma clara, que favoreça a conscientização do aluno sobre a variação lingüística.

Exemplo 4

P – esse texto está cheio dos probleminhas que nós estudamos... eu quero que vocês corrijam-o (escola B)

PADRÕES DE ORALIDADE

Ao afirmar que o “texto está cheio dos probleminhas...”, P não esclarece de que tipo são, nem em relação a que são considerados como problemas. Mesmo tendo observado as inadequações do texto escrito pelo aluno, em relação ao registro culto (normas que domina), P não se deu conta da falha de seu discurso: “corrijam-o” por “corrijam-no” (norma possivelmente não conhecida por P).

Em evento de oralidade secundária (leitura de texto escrito), o grau de formalidade é bastante elevado, como nos mostra o exemplo 5.

Exemplo 5

P – então vamos [copiar só mais [uma pergunta eu trouxe...

A – [tá bom professora [

A – [não

P – eu posso fazer oralmente é só uma...olhe diante do confronto com a pobreza a atitude da madame do poema é a mesma atitude que tiveram os donos da esplêndida residência no texto de Fernando Sabino? vou repetir a pergunta (repete a pergunta)

A – não... não (escola A)

O fato de P se reportar a textos estudados pelos alunos, para se posicionarem é um exemplo de intertextualidade explícita, apresentada com maior grau de formalidade (formalidade apresentada também no enunciado que constitui nosso exemplo 4).

Esses fatos parecem evidenciar a crença de que a formalidade está na escrita, enquanto a informalidade, na língua falada, o que não é confirmado pela literatura relativa à equação oralidade/escrita.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os dados analisados apontam para a presença de traços característicos da coloquialidade oral da língua como estratégia de “tradução” do escrito (considerado mais difícil) para o oral, a fim de processar-se a compreensão do texto por parte dos alunos. No entanto essa estratégia não lhes dá autonomia para que, em outras oportunidades, venham a ler um texto formal sem dificuldades.

Além disso, o uso da coloquialidade, mesmo demonstrando uma tentativa de aproximação dos alunos, pode sinalizar também uma falta de

MARIA AUXILIADORA BEZERRA

domínio da norma culta por parte do professor e, conseqüentemente, mais uma dificuldade para o ensino do texto escrito padrão.

Acreditando que o contato constante com a escrita formal termina por influenciar a organização do texto oral, somos levados a crer que o professor de português não está conhecendo com profundidade a variedade culta dessa língua. Por outro lado, o fato de que, por razões variadas (sociais, econômicas...), o professor nem sempre dispõe de tempo suficiente para preparar previamente suas aulas contribui, decisivamente, para não praticar a leitura nem a escrita e daí lançar mão da oralidade informal para discorrer sobre um texto formal escrito.

Não queremos com isso privilegiar a escrita em detrimento da oralidade. Cada uma dessas modalidades tem, numa sociedade letrada, funções específicas e momentos de uso determinados. No entanto, em se tratando de educação formal, em nível de 1º grau maior, em que se espera um certo domínio de leitura/ escrita padrão, a presença excessiva da oralidade coloquial dificulta o acesso por parte dos aprendizes aos textos formais, justamente os que registram, com mais possibilidades de informações, os conhecimentos produzidos pela humanidade, favorecendo sua transmissão.

Novas investigações poderiam esclarecer a relação professor/domínio da norma culta, ampliando os conhecimentos da Lingüística Aplicada e suas contribuições para a formação do professor.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BIBER, D. *Variation across speech and writing*. Cambridge: Cambridge University Press, 1988.
- BORTONI, S. M. Variação lingüística e atividade de letramento em sala de aula. In KLEIMAN, A (org.). *Os significados do letramento*. Campinas: Mercado de Letras, 1995, p.119-144.
- BOWEN, J. D. Da variação múltipla de registro no ensino de inglês. In SOARES, M. (org.). *Didática de português*. Belo Horizonte: Opus, 1972, p.101-114.
- BROWN, P. e LEVINSON, S. *Politeness: some universals in language usage*. 2.ed. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.

PADRÕES DE ORALIDADE

- CHAFE, W. Integration and involvement in speaking, writing and oral literature. In TANNEN, D. (ed.). *Spoken and written language*. Norwood, N. Jersey: Ablex, 1982.
- _____. Linguistic differences produced by differences between speaking and writing. In OLSON, D. et al. (ed.). *Literacy, language and learning*. Cambridge: Cambridge University Press, 1985.
- DENNY, P. O pensamento racional na cultura oral e a descentralização da cultura escrita. In OLSON, D. e TORRANCE, N. (orgs.). *Cultura escrita e oralidade*. São Paulo: Ática, 1995, p. 75-99.
- HALLIDAY, M. A. ; McINTOSH, A. e STREVENSON, P. *As ciências lingüísticas e o ensino de línguas*. Petrópolis: Vozes, 1974.
- HYMES, D. *Foundations of sociolinguistics: an ethnographic approach*. Filadélfia: University of Pennsylvania, 1974.
- KATO, M. *No mundo da escrita*. São Paulo: Ática, 1987.
- MARCUSCHI, L. A. Contextualização e explicitude na relação entre fala e escrita. *Anais língua falada e ensino*. Maceió: UFAL, 1994, p.27-48.
- OCHS, E. Planned and unplanned discourse. In GIVÓN, T. (ed.). *Syntax and semantics*. v. 12, N. York: Academic Press, 1979.
- OLSON, D. e TORRANCE, N. (orgs.). *Cultura escrita e oralidade*. São Paulo: Ática, 1995.
- PEREIRA DA SILVA, V. L. Marcas de oralidade na escrita como sinais de interação. *Revista Tempo Brasileiro*, Rio de Janeiro, n. 117, p. 67-74, abr/jun 1994.
- PHILIPS, S.V. Participant structure and communicative competence: Warm Springs Children community and classroom. Nova York: Teachers College Press, 1972 (citado por BORTONI, S.M.).
- SCOLLON, R. e SCOLLON, S. *Linguistic convergence: an ethnography of speaking at Fort Chipewyan, Alberta*. N. York: Academic Press, 1979 (citados por OLSON, D.).
- SCRIBNER, S. e COLE, M. *The psychology of literacy*. Cambridge: Cambridge University Press, 1981 (citados por OLSON, D.).
- SINCLAIR, J. e COULTHARD, M. *Towards an analysis of discourse*. Londres: Oxford University, 1975.
- TANNEN, D. *Spoken and written language*. Norwood, N.J.: Ablex, 1982.
- TRAVAGLIA, L. C. *Gramática e interação*. São Paulo: Cortez, 1996.